



definir os termos deste movimento? A este respeito, K. Barth tinha talvez razão quando falava da secundariedade da Dogmática em relação à pregação. Para ele, a Teologia desenvolve uma reflexão homilética e representa, a respeito daquela, a instância crítica<sup>12</sup>. «A pregação, escreve o mesmo Barth, é a matéria da Dogmática, seria uma inversão catastrófica sustentar o contrário, a saber, que a Dogmática seria a matéria da pregação da Igreja»<sup>13</sup>. Ora o anúncio da fé situa-se do lado da Palavra e não do lado da sistemática.

A Dogmática é, por outro lado, a garantia da pregação. Sem dúvida, a Palavra de Deus ressoa sempre como uma realidade existencial da ordem do actual, do «agora»; mas convém isolar este acontecimento da forma concreta ou do corpo que lhe dá a Escritura? Uma palavra de Deus reduzida ao acontecimento puro e simples não passaria duma categoria quase formal, funcionando independentemente das leis fundamentais da linguagem humana e por isso mesmo tornar-se-ia ininteligível.

ARNALDO DE PINHO  
Professor de Teologia do I. C. H. T.

## Cristo acontecimento escatológico para o Homem e para a História

(CRISTOLOGIA DO VATICANO II)

A salvação escatológica em Cristo implica também uma dimensão humana, segundo a lógica e a dinâmica interna da Encarnação, que qualifica e transforma eficaz e definitivamente a condição de alienação do homem no mundo, a partir de dentro, e vem levar a existência humana à sua plenitude, à sua integridade plena em todas as dimensões, de tal modo que o destino do homem e do mundo fica vinculado ao destino de Cristo. O Concílio Vaticano II, sobretudo no final dos quatro primeiros capítulos da *Gaudium et Spes*, ao debruçar-se sobre a relevância e incidência antropológicas do Mistério de Cristo, realça o significado e valor escatologicamente exemplar e salvífico, para o homem, para a humanidade e para a história, do acontecimento de Cristo, compreendido, ora na sua globalidade, ora em cada uma das suas etapas: encarnação, morte, ressurreição e dom do Espírito<sup>1</sup>.

### 1. Cristo, o homem novo

O Verbo de Deus, já presente na história dos homens como Palavra criadora e iluminadora, através da Encarnação estabelece um novo tipo de relação com os homens: uma relação de solidariedade interna ontológico-existencial, uma solidariedade de destino.

<sup>1</sup> GS 22; 32; 38-39; 45; LG 2-5; 7-9; 12; 13; 15; 48; 55; SC 5-6; 8; 83,1; DV 2; 4; AdG 3-4; 7-8; 13,2; AA 8,2; UR 2,1. Cf. J. ALFARO, *Unitas institutionis theologicae iuxta Vaticanum II, Seminarium* 11 (1971) 222-223. 225-226. 231-233; «In mysterio totali Christi, ab Incarnatione ad Resurrectionem quaerit Vaticanum II explicationem futuri humanitatis et historiae» (*Ib.*, p. 237); *Ib.*, *Esperanza cristiana y liberación del hombre*, Barcelona, 1972, pp. 141 ss.

<sup>12</sup> R. Barth, *Kirchliche Dogmatik*, Zürich, EVZ Verlag, I/1, p. 49.  
<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 77.

O Concílio desenvolve o tema da solidariedade da Encarnação a dois níveis. Na linha «essencialista» dos padres gregos, Cristo assumindo a natureza humana como universal multiplicado nos indivíduos — e portanto comum a todos — une-se à humanidade por um vínculo ontológico-metafísico, elevando-a, em cada um de nós, a uma nova transcendência<sup>2</sup>.

Todavia, Cristo não assumiu uma humanidade residual, mas a existência humana concreta com todas as dimensões. A sua condição divina não absorve a condição humana, nada tira do que é genuinamente humano, do que pertence à humanidade plena no seu ser e fazer-se homem como nós: Ele é o homem que pensa, que é livre, que trabalha, que ama. O Concílio, retomando a doutrina de Calcedónia sobre as duas naturezas, desenvolve-a e completa-a numa perspectiva antropológica mais ampla e em função soteriológica. Cristo não assume o homem pura-essência, mas o homem que se realiza no seu ser e agir no mundo. Pela Encarnação, assume a dimensão de corporeidade que o faz homem com os outros e, portanto, o «une de algum modo a cada homem»<sup>3</sup>. É este vínculo ontológico-existencial que faz com que o acontecimento escatológico de Cristo não seja isolado, mas omnicomprensivo: envolve o homem, a humanidade, o mundo. A sua relação de solidariedade é inclusiva e salvífica, segundo o axioma patrístico que o Concílio faz seu: «só se salva o que é assumido»<sup>4</sup>. «A natureza humana assumida pelo Verbo divino foi constituída como órgão vivo de salvação»<sup>5</sup>. Implicitamente se afirma que, pela Encarnação do Verbo, o destino do homem fica radicalmente incluído no destino de Cristo, o que implica da parte do homem uma relação originária a Cristo e a sua finalização em Cristo — o homem como *ens christologicum*<sup>6</sup>. O homem é inserido no acontecimento escatológico de Cristo e destinado a participar no próprio destino de Cristo.

<sup>2</sup> GS 22,2; cf. J. MOUROUX, *Situation et signification du chapitre I sur la dignité de la personne humaine*, in: *L'Église dans le monde de ce temps II* (dir. Y. M.-J. CONGAR et M. PEUCHMAUD), Paris, 1967, pp. 250-251.

<sup>3</sup> *Id.*

<sup>4</sup> AdG 3,2,z

<sup>5</sup> LG 8,1; cf. SC 5,1.

<sup>6</sup> Esta finalização-vocação, enquanto constitutiva do homem concreto e condicionante da sua situação histórico-salvífica, chama-se o «existencial cristico».

A teologia da Encarnação permite compreender a principalidade soteriológica da morte-ressurreição de Cristo. Ao fazer-se homem como nós, Cristo como servo sofredor, assume a existência humana também com tudo o que ela tem de passivo, de dramático e de trágico — excepto o pecado —, isto é, com as situações e experiências-limite de sofrimento, de luta, de esperança difícil, de dor e de morte<sup>7</sup>, enquanto situações-sinais de uma existência não-redimida que sofre as consequências do pecado, e enquanto aspectos do absurdo ou do não-sentido da vida. E através da paixão, Ele vive a sua condição de Filho na obediência total e livre, na confiança e no abandono ao Pai e testemunhou o seu amor numa existência-para-os-outros até à oblação suprema na morte, que o Pai acolhe na ressurreição<sup>8</sup>. Com a sua obediência venceu a força da desobediência que é o pecado e o poder que este exerce sobre a humanidade; na sua morte, dom total e livre da vida ao Pai pelos homens, venceu a morte como poder de expropriação e alienação do homem pecador e mereceu-nos o dom da vida: n'Ele Deus opera a reconciliação dos homens consigo e entre eles<sup>9</sup>.

<sup>7</sup> GS 22, 2-3; AdG 3,2; LG 8,3; PO 3,1. Respondendo aos pedidos dos Padres para acentuar o aspecto da paixão de Cristo no n.º 22 da *Gaudium et Spes*, a Comissão doutrinal esclarece: «Haec adduntur ut vitetur nimia insistencia in Christo victore quin sufficienter conspiciatur aspectus coluctationis et Passionis» (*Textus recognitus et relationes I*, p. 31). É significativa, a propósito deste número, a intervenção crítica de Mons. P. Seitz, sobre o optimismo que não tem em conta as dimensões do drama concluído na paixão e presente na existência humana: «Le Christ est présenté comme l'Homme parfait, achevé, triomphant de la mort sans qu'il semble y avoir en lutte. On a beau le dire homme comme nous, on ne voit pas très bien comment tous nos problèmes sont résolus en lui; il se présente là comme un modèle tout fait sans qu'on sache comment il s'est fait et donc si loin de nos pauvres existences qu'il n'apparaît dans le cheminement du schéma. L'énumération des lignes 24 à 26 (page 18 du texte latin) est significative à cet égard: il est dit que le Christ a travaillé, a réfléchi, a agi, a aimé... mais il n'est pas dit qu'il a peiné, eu faim, été tenté, dans l'angoisse, au bord du refus — et cela il fallait le dire aussi, et c'est peut-être surtout cela qu'il fallait dire dans un tel schéma qui s'adresse à des hommes pour qui rien ne va tout seul, sans lutte» (As IV/II, pp. 835-836. Cf. Ch. MOELLER, *El hombre de hoy a la luz de la Constitución Pastoral sobre la Iglesia en el mundo actual*, ApL 4 (1966) 294; *Id.*, *Perspectives théologiques après le Concile*, in: *Au service de la parole de Dieu. Mélanges offerts à Mgr. A. M. Charue*, Gembloux 1969, p. 385.

<sup>8</sup> GS 22,3; LG 42,2; 60; PO 15,3.

<sup>9</sup> GS 22,3-4.

Na sua ressurreição surge uma vida nova para a humanidade a qual nos é comunicada pelo Espírito. A sua existência até à morte em favor dos outros transformou-se em vida de ressurreição para todos: «morreu pelos nossos pecados, ressuscitou para nossa justificação»<sup>10</sup>. Abriu assim um caminho que dá novo sentido à vida e à morte.

«Sofrendo por nós, não só deu o exemplo para que sigamos os seus passos, mas também abriu o caminho, percorrendo o qual, a vida e a morte são santificadas e recebem um novo sentido»<sup>11</sup>.

O Concílio mostra assim como Cristo participa do nosso destino, a partir de dentro e vivendo a nossa existência, para o modificar e nos tornar participantes da sua vida gloriosa. A humanidade não fica encerrada na escravidão fatal a que a condenam o pecado e a morte. No seu mistério pascal, Cristo abre um futuro novo de vida para o homem. Mais ainda: no mistério pascal de Cristo, o Concílio vê a raiz e o nascer do homem novo, da humanidade nova, precisamente em virtude daquela solidariedade de destino inaugurada na encarnação e de que a morte e ressurreição marcam o momento decisivo e culminante.

«O Filho de Deus, unindo a Si a natureza humana, superando a morte pela sua morte e ressurreição, redimiu o homem e transformou-o em nova criatura (cf. Gal. 6, 15; 2 Cor. 5, 17). Comunicando de facto o seu Espírito, constitui misticamente como Seu corpo os seus irmãos convocados de entre todos os povos»<sup>12</sup>.

O Concílio teve a preocupação de sublinhar com clareza, segundo a linha bíblica, a solidariedade salvífica de Cristo com a humanidade no mistério da ressurreição em ordem à transformação divinizante do homem. Ele entra definitivamente e plenamente na glória do Pai como «o primeiro dentre muitos irmãos».

<sup>10</sup> LG 9,2.

<sup>11</sup> GS 22,3.

<sup>12</sup> LG 7,1.

Isto significa que a ressurreição de Cristo é o início e garantia da nossa ressurreição, muito particularmente no dom do Espírito. O Espírito Santo é o *pro nobis* concreto da ressurreição de Cristo, que a presencializa e torna eficaz em nós a título inicial e coloca a nossa existência sob o signo da esperança pascal da plenitude da ressurreição futura em Cristo e com Ele<sup>13</sup>.

Na vitória definitiva sobre as forças do mal e no dom escatológico de vida, Cristo manifesta e oferece o sentido total da salvação plena e definitiva que o Concílio traduz também em termos bíblicos de perdão dos pecados, redenção, libertação da corrupção e escravidão, reconciliação, justificação, renovação do homem, dom de vida filial, liberdade dos filhos de Deus, glorificação — uma existência salva na integridade e levada à plenitude na comunhão total de vida com o Pai e com os irmãos<sup>14</sup>. Tal é o futuro de salvação escatológica, de ressurreição que já agora começou para nós.

Tal é o horizonte cristo-escatológico que orientou a reflexão antropológica da *Gaudium et Spes* sobre o homem criado à imagem de Deus, de tal modo que o n.º 22, sobre o qual baseamos a reflexão anterior, deve ser lido em conexão com os anteriores, sobretudo com o n.º 12, e vice-versa<sup>15</sup>. Na sua humanidade de ressuscitado, Cristo é o arquétipo e princípio da humanidade (re)nova(da), a origem e plenitude da perfeição humana ou do homem perfeito.

O Concílio recupera a teologia bíblico-patristica sobre a encarnação e ressurreição, completando assim a teologia tradicional fundada na morte como mistério de redenção, segundo a qual Cristo entrava no mistério do homem só por causa do pecado (*cur Deus homo?*). No horizonte cristológico mais vasto do Concílio, Cristo está presente no início e no fim do mistério do homem, como origem e plenitude da perfeição humana — o Verbo criador

<sup>13</sup> GS 22,4-6; LG 48,2.

<sup>14</sup> SC 2; 5-8; 47; 102; 106; LG 1; 2-4; 5; 7; 8; 8-4; 13,2; 17; 35,1; 36,1; 48,4; DH 11,1; DV 2; 4; UR 2,1-2; GE 2; AdG 3; 8; 12,4; 13,2; 21,3; PO 15,3; CS 10,2; 13,2; 18,2; 22,3-4; 37,4; 41,1; Cf. Ch. MOELLER, *L'Église dans le monde de ce temps. La Constitution Pastorale «Gaudium et Spes», Lum.Vitae 21(1966)202.*

<sup>15</sup> Falando de Cristo, novo Adão, a *Gaudium et Spes* afirma: «Não é de admirar que as verdades atrás expostas encontram n'Ele a sua fonte e atingem n'Ele o seu cume» (22,1).

e consumidor. Ao fazer da humanidade o seu próprio modo de existência, o Filho de Deus leva-a à perfeição<sup>16</sup>.

Servindo-se da dialéctica paulina do velho e novo Adão, o Concílio estabelece entre Cristo e o homem uma relação constitutivo-dialéctica, que assume o homem na sua totalidade. Cristo, como antítipo, é o Adão escatológico que leva à plenitude o primeiro Adão, o homem original, que fora pensado, projectado e criado à imagem e à medida da futura humanidade do Verbo Incarnado. O primeiro leva já em si a tensão para o último, a sua finalização em Cristo.

«Na realidade, o mistério do homem só se esclarece verdadeiramente no mistério do Verbo incarnado. Com efeito, Adão, o primeiro homem, era figura do futuro, isto é, de Cristo Senhor. Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor revela plenamente o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime»<sup>17</sup>.

O Cristo ressuscitado é, por conseguinte, a realização plena, efectiva e absoluta do homem. É o homem escatológico da consumação final. N'Ele se realiza o homem perfeito, qualitativamente novo e último, isto é, com todo o carácter de novidade e inderivabilidade (gratuidade), definitividade e plenitude (*novum Christi, novum ultimum*)<sup>18</sup>; na sua humanidade glorificada torna-se a expressão suprema, escatológica do homem criado à ima-

<sup>16</sup> *Ib.* «Hominem dicere idem est ac Christum evocare, originem et fontem humanae perfectionis, simul et exemplar supremus: unde in Christo concluditur Caput de vocatone hominis» (*Schema Const. Pastoralis de Ecclesia in mundo huius temporis, Relatio generalis*, AS IV/I, p. 555).

<sup>17</sup> GS 22,1; cf. DV 2; LG 2; Ch. MOELLER, *El hombre a la luz de la Constitución Pastoral sobre la Iglesia en el mundo actual*, ApL 4 (1966) 294; *Id.*, *L'uomo, la Chiesa e la società*, in: *La teologia dopo il Vaticano II* (ed. J. MILLER), Brescia 1967, p. 520. Sobre o simbolismo dos dois Adãos cf. G. MARTELET, *L'au-delà retrouvé*, Paris 1975, pp. 99-117.

<sup>18</sup> Respondendo à sugestão do Cardeal Rénard para sublinhar a novidade da irrupção de Cristo, a Comissão doutrinal resolveu mudar o título do n.º 22 da *Gaudium et Spes*, de «De Christo... homine perfecto» para «De Christo novo homine»: «Titulus mutatur ut irruptio Verbi Incarnati in mundum appareat ut aliquid novi quod ex augmento philosophico aut ex desiderio humano non provenit» (*Textus recognitus et relationes I*, p. 31).

gem de Deus, realizado plenamente na singularidade da sua vocação originária<sup>19</sup>.

Ao falar da vocação integral do homem, o Concílio, na *Gaudium et Spes*, toma como critério antropológico o tema da «imagem de Deus», segundo o esquema bíblico, no seu tríplice aspecto: o homem enquanto *partner*-interlocutor de Deus é chamado à comunhão de vida plena com Ele, no conhecimento e no amor, a viver na comunhão de solidariedade com os outros e a colaborar na obra da criação, submetendo o mundo infra-humano ao seu domínio. Todo este tema é apresentado de modo histórico-salvífico e dinâmico, como apelo, vocação, modo próprio de existir do homem e de construir o próprio destino na história, no diálogo com Deus, e em que se encontra comprometido o homem todo, com todas as suas potencialidades e possibilidades de espírito incarnado<sup>20</sup>. A relação do homem aos outros e ao mundo depende da relação primária a Deus. Rompendo-se esta, toda a harmonia dos homens entre si e com o mundo se quebra. Ao entrar o pecado na vida do homem como ruptura com Deus, ele perde a sua liberdade original e entra a luta e a desarmonia dramática (o sofrimento e a morte) na sua vida individual e colectiva. Fica em jogo a vocação do homem. É nesta perspectiva que o Concílio afirma: «O pecado é diminuição para o próprio homem, impedindo-o de conseguir a plenitude»<sup>21</sup>.

Retomando o tema da «imagem», o Concílio reinterpreta-o cristologicamente. No dinamismo do mistério pascal, isto é, na comunhão de obediência e de glória com o Pai, Cristo é a imagem de Deus por excelência e dá ao homem a possibilidade de a realizar segundo a sua identidade originária. Daí, Ele torna-se imagem exemplar e normativa, no seu ser e no seu operar. É pela participação no mistério pascal de morte e ressurreição que o

<sup>19</sup> GS 22, 1-2; AdG 12,4; 13,2; 21,3; GT 2. Sobre o tema da «imagem» na *Gaudium et Spes* cf. Z. ALSZECHY, *L'immagine di Dio nella storia della salvezza*, in *La Chiesa nel mondo contemporaneo* (dir. A. FAVALE), Torino-Leumann 1968, pp. 425-452.

<sup>20</sup> GS 12; 17; 24; 1; 34,1; cf. também GS 19,1; 21,3; 29,1; Nae 5,1; AdG 7,3 M. FLICK-Z. ALSZEGHY, *L'uomo nella teologia*, Roma 1971, pp. 52-53.

<sup>21</sup> GS 13,2; cf. 14,1; 15,1; 16; 17; 17; 18,2; 25,3; 58,4.

homem se torna transparente à vida divina, se abre à comunhão com Deus<sup>22</sup>.

Cristo é não só o arquétipo do homem novo, mas também o seu promotor, que o salva da desobediência e da infidelidade e lhe abre o caminho à plenitude da vocação. Ao libertar o homem do pecado e da morte, no dom do Espírito, abre-o ao futuro de Deus, à comunhão plena do filho com o Pai e n'Ele com os outros, no total domínio sobre o universo. Vencido o poder do pecado e da morte, estes já não constituem mais obstáculo intransponível à plenitude de vida do homem. Ao salientar a dimensão cristológica da «imagem», o Concílio faz emergir toda a sua dimensão escatológica, na tensão à configuração com Cristo ressuscitado<sup>23</sup>.

Assim Cristo ressuscitado, ao revelar o mistério de Deus, revela também o mistério do homem, já na significação e no sentido profundo que lhe derivam da própria criação em Cristo, já na grandeza do seu destino que transcende toda a realização terrestre: revela o homem original e o homem escatológico. Para dizê-lo, a modo de comentário, com a expressão lapidar do Cardeal Silva Henriquez no próprio Concílio, ao propor que se procurasse em Cristo a resposta ao desafio do humanismo ateu: «O mistério de Cristo é não só epifania de Deus, mas também, por assim dizer, epifania da plenitude do homem»<sup>24</sup>.

Servo sofredor, obediente e Senhor glorificado, dá a resposta fundamental às angústias e esperanças dos homens: o mal, a dor, a morte não constituem mais «absurdo», «não-sentido» dentro da vida, mas são integrados no sentido final escatológico da vida que é a ressurreição. Cristo é a chave do mistério do homem na sua qualidade, na sua grandeza e na sua profundidade (*tale et tantum*). «Quem segue a Cristo homem perfeito, torna-se mais homem»<sup>25</sup>.

<sup>22</sup> Cf. nota 11; Ch. MOELLER, *Renouveau de la doctrine de l'homme*, in: *La théologie du renouveau* (dir. L. K. SHOOK et G. M. BERTRAND), Montréal-Paris 1968 p. 244.

<sup>23</sup> Cf. Ch. MOELLER, *ib.*; J. MOURoux, *Situation et signification du chapitre I: sur la dignité de la personne humaine*, in: *L'Eglise dans le monde de ce temps II*, p. 235; M.-J. LE GUILLou, *Le visage du Ressuscité*, Paris 1968, p. 236.

<sup>24</sup> AS III/V, p. 23

<sup>25</sup> GS 81,1.

«Tal e tão grande é o mistério do homem que através da revelação cristã brilha para os que crêem. Por Cristo e em Cristo esclarece-se o enigma da dor e da morte que, fora do Seu Evangelho, nos oprime. Cristo ressuscitou, destruindo a morte com a própria morte, e deu-nos a vida para que, tornados filhos no Filho, exclamemos no Espírito: Abba, Pai»<sup>26</sup>.

## 2. Cristo, princípio e plenitude de uma nova solidariedade

O Concílio desenvolve também o significado exemplar e salvífico do acontecimento de Cristo em relação à comunidade do homem enquanto tal. Na sua múltipla solidariedade encontrará n'Ele a significação última e a realização plena<sup>27</sup>.

Pela Encarnação, o Filho de Deus assume também a dimensão social da existência humana, estabelecendo um vínculo de solidariedade com todos e cada um dos homens, resultando assim a união dos homens n'Ele, como centro unificante. A humanidade fica unida n'Ele por um vínculo novo de solidariedade transcendente e divina. O Concílio diz precisamente: «Na verdade, assumindo a natureza humana, Ele uniu a Si todo o género humano como família, por uma certa solidariedade sobrenatural»<sup>28</sup>. Isto implica a inclusão radical da comunidade humana na participação comum

vida divina de Cristo e portanto no seu próprio destino. Une os homens em Si como família para os fazer participantes da sua graça, e une-os entre si como irmãos. Aqui radica o fundamento ontológico do aspecto comunitário da salvação em Cristo. Pela Encarnação, Ele constituiu-se centro e mediador de comunhão salvífica para toda a humanidade.

Por outra parte, Cristo assume a componente comunitária humana e exerce a sua função unificante a um nível existencial e dinâmico, inserindo-se plena, consciente e responsabilmente na trama social humana do seu tempo, vivendo as relações familiares, de amizade, de convivência, de trabalho, de cultura, santificando-as simultaneamente. Está presente aos acontecimentos dos seus contemporâneos e vai ao encontro de todos, sem discriminação;

<sup>26</sup> GS 22,6. O Concílio expressa várias vezes esta correlação íntima entre revelação do mistério de Deus e do mistério do homem: DV 2; GS 11 1; 22,1; 38,1; 40,3; 41,1.

<sup>27</sup> O texto base é GS 32.

<sup>28</sup> AA 8,2; cf. SC 83,1; UR 2,1; LG 7,1.

antes, a sua preferência vai para os marginalizados da sociedade, para os pobres, pecadores e publicanos. Participa das alegrias e tristezas dos homens; na sua vida em comunidade, nos seus gestos e na sua mensagem, Ele revela o amor do Pai e a vocação comunitária dos homens<sup>29</sup>.

A sua mensagem é boa-nova de amor. Procurou que a relação de amor informasse e modelasse a vida comunitária dos seus discípulos. Deu-lhe uma dimensão nova e divina ao identificar-se com os irmãos. Ao anúncio da filiação divina dos homens corresponde a exigência de uma atitude fraterna em relação aos outros: o amor de Deus e do próximo vão inseparavelmente unidos. O amor aos outros, que se estende até aos inimigos, constituirá o sinal credencial do seu discipulado. Esta preocupação da unidade no amor manifesta-se ainda na sua oração ao Pai a fim de que os discípulos permaneçam naquela unidade profunda por Ele estabelecida, que tem o seu fundamento e protótipo na união entre Ele e o Pai. Por essa unidade ofereceu a vida. E quis que o Seu Evangelho de unidade continuasse a ser anunciado a todos os povos «para fazer do género humano a família de Deus em que a plenitude da lei fosse o amor»<sup>30</sup>.

Mas é, segundo o Concílio, no acontecimento da morte, que se realiza e manifesta a solidariedade suprema de Cristo com a humanidade, enquanto síntese e sacramento da sua vida e da sua missão, vivida e oferecida para os outros e pelos outros.

«Ele próprio se ofereceu por todos até à morte, como Redentor de todos. 'Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a própria vida pelos seus amigos' (Jn. 15, 13)»<sup>31</sup>.

A morte do Filho de Deus incarnado, enquanto acto de solidariedade com toda a humanidade, leva em si o significado intrínseco não só da reconciliação dos homens com Deus, mas também dos homens entre si, isto é, da unificação profunda da comunidade humana. No acto de amor e doação total na Cruz, Ele vence o

<sup>29</sup> GS 32,2; LG 8,3; 41,6.

<sup>30</sup> GS 32,3; cf. GS 24,2-3; 27,2; 28,3; AA 3,1; 8,2; LG 9,2; 42,1-2; PCh 15,1.

<sup>31</sup> GS 32,3. A citação de Jn. 15,13 foi propositadamente acrescentada para sublinhar a paixão e morte de Cristo como facto primordial de solidariedade: cf. *Expensio modorum I. Ad num. 32*, p. 202.

poder fundamental de divisão e desagregação entre Deus e a humanidade e entre os próprios homens, a saber, a força do egoísmo e do ódio. A sua obra de redenção é obra de (re)unificação da humanidade, reconciliada e liberta em Deus, num só povo e num só corpo, para além de todos os laços de sangue e de raça<sup>32</sup>.

Com a Ressurreição, a dimensão social do homem-Cristo entra na plenitude escatológica da qual nos é dado participar. Cristo glorificado continua a exercer a sua força de atracção e unificação através do dom do Espírito, que interioriza o seu amor no coração dos homens. Todos estes aspectos, retoma-os o Concílio ao falar do fundamento e da natureza da paz de Cristo, no sentido bíblico, pela qual os cristãos são impulsionados a promover a paz na terra.

«A paz terrena, que nasce do amor do próximo, é imagem e efeito da paz de Cristo, que promana do Pai. Com efeito, o Filho incarnado, príncipe da paz, por meio da Sua Cruz reconciliou todos os homens com Deus, e, restabelecendo a unidade de todos num só povo e num só corpo, matou o ódio na Sua própria carne e, exaltado na ressurreição, difundiu o Espírito de caridade nos corações dos homens»<sup>33</sup>.

Pela ressurreição, a solidariedade de Cristo com a humanidade e a solidariedade desta em Cristo adquirem um nível mais profundo e universal. Pelo dom do Espírito, estabelece uma nova solidariedade, uma nova comunhão fraterna entre os que O acolhem na fé e no amor, a qual se chama Igreja ou solidariedade eclesial. Fica assim sublinhado o carácter comunitário da graça em Cristo. A comunidade cristã, enquanto comunidade de amor e de serviço mútuo, é pois a primeira realização visível da obra unificadora de Cristo pelo Espírito, na sua qualidade de primogénito de entre os irmãos<sup>34</sup>. A Igreja é portanto o sacramento da nova fraternidade em Cristo e o amor, «o novo vínculo de unidade e solidariedade universal que provém do mistério de Cristo»<sup>35</sup>.

<sup>32</sup> LG 9,1; NAe 4,2; DH 11,1; AA 8,2; GS 24,3.

<sup>33</sup> GS 78,3.

<sup>34</sup> GS 82, 4; LG 3-4; 7,3; 9,2; 49; UR 2,2. Cf. J. WITTE, *A Igreja, «sacramentum unitatis» do cosmos e do género humano*, in: *A Igreja do Vaticano II* (dir. G. BARAONA), Petrópolis 1965, p. 535.

<sup>35</sup> AdG 21,3. Cf. O. SEMMELROTH, *Kommentar zum II. Kapitel des ersten Teils der Pastoralkonstitution über die Kirche in der Welt von heute*, in: *LThK Vat. II/III*, pp. 376-377.

Esta comunhão fraterna é algo dinâmico, destinada a crescer no Espírito até à plenitude, na parusia de Cristo. Então será consumada a sua obra de (re)unificação quando n'Ele e por Ele participarmos plena e definitivamente na comunhão de amor intratrinitário e glorificarmos comunitariamente o Pai. Então não haverá mais egoísmo e divisão, isolamento ou solidão: a fraternidade humana será plenamente transfigurada em Cristo.

«Esta solidariedade deverá crescer sempre até àquele dia em que será consumada e em que os homens salvos pela graça renderão glória perfeita a Deus, como família amada por Deus e por Cristo Irmão»<sup>36</sup>.

O Concílio pretende assim fazer ver como Cristo, reunindo em si a família humana, através do seu mistério pascal, revela e leva à plenitude a significação última da vida social. Leva à sua plena realização, por um lado, o plano de Deus na história da salvação que O enviou como princípio de unidade e de paz para congregar os homens dispersos e salvá-los em um só povo<sup>37</sup>; e, por outro lado, realiza o homem perfeito, criado à imagem de Deus — homem e mulher como comunhão primordial — e por isso destinado a viver em comunhão com os outros<sup>38</sup>. Restitui ao homem-imagem de Deus a semelhança diminuída pelo pecado, restaurando a unidade perdida e dando-lhe a possibilidade de, pela participação no seu mistério pascal, levar à perfeição a vocação comunitária original. Cristo realiza a unidade plena dos homens, que engloba e transcende os laços culturais, técnicos e sociais, correspondendo à aspiração profunda de fraternidade e concórdia, ao torná-los participantes do vínculo de relação filial e do amor do Pai, constituindo-os radicalmente em família dos filhos de Deus e comunidade de irmãos, unidos no mesmo destino salvífico<sup>39</sup>. Cristo é assim princípio e exemplar da humanidade renovada e reunida no amor. Lembra-o o próprio Concílio ao pretender mostrar a conexão íntima e profunda entre a actividade missionária da Igreja e as aspirações humanas:

<sup>36</sup> GS 32,5; cf. GS 39,3; 40,2; LG 48,1; UR 2,4; PO 8,1.

<sup>37</sup> GS 32,1; 40,2; 92,3; LG 13,1; AdG 2,2; 3,1; 7,3; UR 2,1.

<sup>38</sup> AdG 73; cf. GS 12,4; 24.

<sup>39</sup> LG 1; GS 42,1.

«Na verdade, manifestando Cristo, a Igreja revela por isso mesmo (*eo ipso*) aos homens a verdade genuína da sua condição e da sua vocação integral, pois Cristo é o princípio e modelo desta humanidade renovada e imbuída de amor fraterno, de sinceridade e de espírito de paz à qual todos aspiram. Cristo e a Igreja que d'Ele dá testemunho pela pregação evangélica, transcendem todos os particularismos de raça ou nacionalidade e, por isso, não podem ser considerados estranhos a ninguém e em nenhuma parte»<sup>40</sup>.

### 3. Cristo, recapitulador do cosmos e da actividade humana

Um dos problemas fundamentais enfrentados pelo Concílio foi o aprofundar a significação, o valor e a finalidade da actividade do homem no mundo à luz do mistério de Cristo, com toda a sua conotação escatológica. A actividade humana é apresentada na sua componente histórico-cósmica, enquanto processo individual e colectivo em ordem ao domínio do mundo e à construção da comunidade humana, mais justa e fraterna, através dos tempos<sup>41</sup>.

Recuperando uma ideia tradicional bíblico-patristica, sem dúvida por insistência dos Padres orientais, o Concílio começa por acentuar todo o realismo histórico da Encarnação e o seu valor soteriológico:

«O Verbo de Deus, pelo qual todas as coisas foram feitas, fazendo-se Ele mesmo carne e habitando na terra dos homens,

<sup>40</sup> AdG 8.

<sup>41</sup> Os textos fundamentais são os nn. 38 e 39 da *Gaudium et Spes* que aparecem organicamente estruturados pela primeira vez no antepenúltimo esquema (texto V). É importante também o n. 48 da *Lumen Gentium*. «De navitate humana in myterio paschali ad perfectionem deducta. Noviter compositus, ita ut exprimat quomodo mysterium Christi, iam in capite primo exposito, in navitatem humanam influat et normas actionis humanae procuret (E/5424), secundum ordinem propositum (E/5603)» (*Textus recognitus et relationes I. Relatio ad num. 38*, p. 49). Os Padres orientais insistiram para que se explicitasse claramente o significado salvífico de todo o mistério de Cristo para a história e para o cosmos e se ultrapassasse a teologia ocidental que contemplava unilateralmente a redenção pela cruz (cf. MEOUCHI, AS IV/II, pp. 422-425.429; ZIADE. *ib.*, pp. 437-439). A ordem da estruturação do n. 38 foi inspirada pelos bispos da Indonésia: cf. DARMAJUWANA, AS IV/II, p. 649.

entrou como homem perfeito na história do mundo, assumindo-a e recapitulando-a em Si»<sup>42</sup>.

Tornando-se um de nós e conosco, assume a dimensão essencial de historicidade da existência humana, faz da história e do mundo o seu modo próprio de existência. Insere-se nas coordenadas de espaço e de tempo, assume as relações sociais e as condições culturais (e, portanto, também o progresso) dos contemporâneos — uma existência histórica e culturalmente situada. Ele vive, manifesta e realiza na história e através dela e, conseqüentemente, em dependência dela, o seu mistério pessoal de Filho de Deus. Cristo santifica a relação e actividade humanas, na sua totalidade, insere o mundo e a história na economia salvífica da relação com Deus. É o que o Concílio pretende afirmar ao associar o binómio «assumir-recapitular» (*assumens et recapitulans*): a função recapituladora de Cristo tem já início na Encarnação<sup>44</sup>. A actividade

<sup>42</sup> GS 38,1. A relação explica o sentido deste parágrafo como «sanctificatio mundi et historiae et nexus cum labore quotidiano (E/5496)». *Textus recognitus et relationes I*, p. 49). A intervenção a que alude o texto talvez seja E/5494 (antes que E/5496 que não contém a mínima referência à Encarnação) de Mons. Meouchi, o qual afirmava: «Factum Incarnationis, etenim, innumeras habet consequentias ad theologiam cosmos-universi penitus astruendam, quia, Verbum ut homo, sibi univit materiam, et sic materia divinitati unitur» (A/S IV/II, p. 423). Cf. J. ALFARO, *Hacia una teología del progreso humano*, Barcelona 1969, p. 88; *id.*, *Esperanza cristiana y liberación del hombre*, Barcelona 1972, p. 149.

<sup>43</sup> GS 22,2; 32,2; 43,1; 58,1; 67,2; AdG 10; OT 14,1; LG 41,5.

<sup>44</sup> O verbo recapitular aparece por três vezes na *Gaudium et Spes* associado à Encarnação: 38,1; 45,2; 57,4; A cinco Padres que pediram a supressão da palavra «assumens» no n. 38, visto que Ef. 1, 10 não falava de assumir mas só de recapitular, e além disso o conceito de «Encarnação cósmica» é discutido entre os teólogos, a Comissão doutrinal respondeu: «Modus recitatur quia idea assumptionis historiae est omnino traditionalis, biblica et patristica. Nihil de incarnatione cosmica hic dicitur» (*Expensio modorum I*, p. 218). Este aspecto da encarnação enquanto «homo assumptus» era sublinhado de novo no n. 41 no texto V: «Verbum enim Patris incarnatione sua totum hominem, corpus et animam, ideoque totam naturam, a Deo in utilitatem hominis creatam, assumpsit et crucem et resurrectionem sanctificavit». Mas de novo suscitou perplexidade em alguns Padres de que se colocasse ao mesmo nível a assunção da natureza humana de Cristo e a assunção da natureza cósmica (*naturae universae*). Uma vez que tal doutrina já estava afirmada no n. 22, a Comissão resolveu suprimir esta passagem (cf. *Id.*, pp. 233-234).

humana, o mundo, a história, ao serem assumidas por Cristo, ficam orientadas para Ele, como princípio, centro e meta de unificação e plenitude, ficam já radicalmente divinizadas e destinadas a partilhar do próprio destino de Cristo, completado definitivamente na morte e ressurreição.

O Concílio refere como Cristo vive o empenho temporal como amor actuante e dentro da sua relação ao Pai. Na sua existência vivida na história, Ele revela-nos Deus como amor e, simultaneamente, o amor como lei fundamental da plenitude humana da estruturação e da transformação do mundo. Isto significa que a verdadeira humanização do mundo é obra do amor: é ele que dá sentido e densidade real e perene ao progresso da humanidade e transforma o mundo em espaço de fraternidade. Explicitando ainda mais, podemos dizer que o tempo humano adquire assim densidade salvífica — tempo da graça escatológica. Tudo isto, segundo o Concílio, o recebemos do Cristo incarnado: «Aqueles que crêem no amor divino, Ele dá-lhes a certeza de que o caminho do amor está aberto a todos os homens e que o esforço por instaurar a fraternidade universal não é em vão»<sup>45</sup>. Nesta afirmação fica claramente expressa a densidade nova que o amor de Cristo dá à história e fica insinuado um seu valor de perenidade enquanto a tarefa do amor não é algo caduco.

É ainda nesta perspectiva que, em seguida, o Concílio procura situar o significado exemplar e salvífico da Cruz de Cristo em relação à história, ao processo de humanização do mundo. A existência e a obra de Cristo é colocada na situação histórica da humanidade onde se faz sentir a presença poderosa e actuante do pecado, já desde o início, e que dá à história o carácter dramático, no aspecto de tensão, de luta, de conflito, de destruição, de negatividade. O pecado passa do coração do homem à história e ao mundo, através da sua actividade, de tal modo que o mundo e a história ficam englobados na aventura do pecado da humanidade. A condição pecadora do homem é ameaça constante à sua actividade, podendo transformá-la em instrumento de opressão antes que de serviço, de amor e de humanização. Daí a exigência de combate em ordem a um progresso verdadeiramente humano<sup>46</sup>. A reflexão do Concílio supõe que Cristo assumiu este aspecto de

<sup>45</sup> GS 38,1; cf. nota 13; *Textus recognitus et relationes I*, p. 49.

<sup>46</sup> GS 13; 25,3; 37-38; 40,3; 78,1-6; Sc 109,3.

drama e de luta, carregando sobre si os sofrimentos exigidos pela lei fundamental do amor, revelando assim mais um seu aspecto em ordem à transformação do mundo: a lei da cruz. «Sofrendo por todos nós pecadores, com o seu exemplo ensinou-nos que se deve carregar a cruz que a carne e o mundo impõe sobre os ombros dos que procuram a paz e a justiça»<sup>47</sup>.

Este itinerário da cruz de Cristo não é só exemplar. Contém em si também poder de salvação: vence a força desagregadora do pecado, libertando a actividade e o progresso humanos e, consequentemente, a criação, da corrupção, da força da negatividade, do risco do fracasso, abrindo-os à dinâmica da plenitude de perfeição e domínio, que culmina na ressurreição de Cristo. Expressando-se assim, o Concílio põe em evidência a estrutura pascal da história: o processo de desenvolvimento histórico da humanidade não pode chegar à perfeição sem a cruz e a ressurreição de Cristo<sup>48</sup>. A lei da cruz é a lei da abnegação e do sacrifício, indispensável para que a actividade humana seja verdadeiramente fecunda e criadora de paz e justiça, de verdadeira humanização.

Na morte e ressurreição, Cristo completou definitivamente a obra da salvação da humanidade e de renovação do universo, já iniciada na encarnação. Foi sobretudo a pedido dos Padres orientais, muito ligados à teologia paulina e à sua própria tradição, que o Concílio aprofundou o significado e valor intrinsecamente escatológico-salvífico da ressurreição de Cristo em ordem à renovação do universo e à teologia da história, quer na *Lumen Gentium* quer na *Gaudium et Spes*.

Pela ressurreição, Cristo tornou-se participante, na totalidade do seu ser humano, da glória e do poder de Deus e foi constituído Senhor universal: Senhor da História e do universo. A sua relação com a história e com o mundo na sua conotação de solidariedade salvífica, adquire uma nova dimensão de plenitude. Na sua humanidade glorificada, tornou-se o início daquela transformação uni-

versal que constitui a meta futura da história da humanidade. Ele inaugura por conseguinte em Si o Futuro da história e antecipa-o já, aqui e agora, no processo actual da história pela renovação salvífica do mundo através do Espírito. N'Ele ficam pois inauguradas definitiva e irrevogavelmente a transformação gloriosa do universo e a era escatológica, o futuro escatológico de salvação para o qual caminha a história.

«A renovação que esperamos como promessa, já começou em Cristo e é levada avante na missão do Espírito e por Ele continua na Igreja na qual, pela fé, somos instruídos também acerca do sentido da nossa vida temporal, enquanto na esperança dos bens futuros realizamos a obra que o Pai nos confiou no mundo e operamos a nossa salvação (cf. Fil. 2, 12). Por isso, já chegou a nós o fim dos tempos (cf. 1 Cor. 10, 11) e a renovação do mundo está irrevogavelmente constituída e, de um certo modo real, está antecipada neste tempo»<sup>49</sup>.

O Ressuscitado está agora omnipresente e omnipotente, através do Espírito, com todo o seu poder salvífico e a novidade escatológica da ressurreição invade e vivifica já o mundo presente. A acção senhorial de Cristo, através do Espírito, no coração dos homens traduz-se historicamente na esperança do mundo futuro restaurado em Cristo e na purificação e animação do processo de humanização do mundo presente em ordem à promoção do homem e da comunidade humana, qual espaço de fraternidade<sup>50</sup>. Com um acento de novidade nos documentos do Magistério, o Concílio põe assim em relevo o aspecto histórico-cósmico da acção do Espírito ou seja da graça de Cristo no homem. O Espírito torna transparente e eficaz a responsabilidade de construir a história. A construção do mundo e da história, o progresso da humanidade ficam definitivamente integrados na economia da salvação e da consumação em Cristo, através do homem.

O mistério da ressurreição de Cristo confere sentido e valor escatológico à actividade do homem, à sua participação na construção do mundo, à sua obra de humanização. Dá-lhes o sentido e

<sup>47</sup> GS 38,1; cf. *Textus recognitus et relationes I*, p. 49.

<sup>48</sup> GS 37,4. Esta passagem alusiva à força de purificação e perfeição da cruz em ordem à actividade humana foi clarificada por proposta de alguns Padres, um dos quais dava a seguinte motivação: «Navitates hominis non progressu evolutivo sine cruce Christi ad perfectionem deduci possunt» (*Expensio modorum I*, p. 216); cf. GS 2,2; LG 36,1 Sobre a estrutura pascal da história cf. W. KASPER, *Geschichtstheologie*, in: *Sacramentum Mundi II*, pp. 326-327.

<sup>49</sup> LG 48,2-3; cf. GS 45,2.

<sup>50</sup> GS 38; AdG 5; cf. *Textus recognitus et relationes I*, p. 49.

a dimensão de definitividade e plenitude, comunicando-lhes uma densidade escatológica em ordem à edificação do Reino <sup>51</sup>.

O Concílio pôs assim em evidência todo o poder da divindade e toda a significação da humanidade glorificada em Cristo, na sua sua irradiação histórico-cósmica. N'Ele fica definitivamente decidido o destino da humanidade e do mundo à participação na Sua glória.

Situando-se dentro da perspectiva fundamental da *Gaudium et Spes*, de ilustrar o mistério e a vocação integral do homem nas suas várias dimensões, à luz do mistério de Cristo, homem perfeito (compreender o homem criado à imagem de Deus, a partir de Cristo, imagem de Deus por excelência), podemos explicitar mais a sua intenção aliás contida no título do n.º 38, isto é, que Cristo é a realização plena do homem na sua vocação histórica <sup>52</sup>. Ele leva à plenitude o homem criado à imagem de Deus enquanto *partner* na obra da criação e transformação do mundo. A relação do homem a Deus só é perfeita quando inclui nela o mundo que está sob o seu domínio <sup>53</sup>. Cristo é o homem novo que, através da sua obediência ao Pai, venceu a força destruidora do pecado em que o homem envolve o mundo criado, ordenando-o para Deus e para serviço do homem, até ao domínio pleno na sua humanidade glorificada. Através do seu mistério pascal abriu ao homem o caminho autêntico para o domínio e para a transformação do mundo: libertando-o do egoísmo e da morte, confere-lhe a possibilidade de *amar e de gozar* as realidades terrestres com um amor novo e redimido, ordenando o mundo segundo o plano de Deus e ao serviço dos irmãos, entrando assim na sua verdadeira posse. E com o dom e a promessa da ressurreição abre ao homem e à sua acção no mundo o horizonte de plenitude eterna e definitiva quando Cristo fará da humanidade uma oblação a Deus.

A imagem de Deus, cristológico-soteriologicamente interpretada, adquire assim uma dimensão escatológica em Cristo morto e ressuscitado, é restaurada na sua originalidade e levada à perfeição no seu dinamismo pascal, enquanto senhor do mundo e sujeito na história.

<sup>51</sup> LG 36,1; 48; AdG 3; 5; GS 38-39; 45.

<sup>52</sup> Veja-se a nota 41 como o n. 38 deve ser lido à luz do n. 22.

<sup>53</sup> GS 34; cf. A. AUER, *Kommentar zum III. Kapitel des ersten Teils der Pastoralkonstitution über die Kirche in der Welt von heute*, in: *LThK Vat. II/III*, p. 381.

O destino do mundo em Cristo corresponde adequadamente à vocação integral do homem sobre a terra. O Concílio teve em vista mostrar que o acontecimento escatológico de Cristo dá resposta às interrogações sobre o sentido, o significado, o valor e a finalidade da actividade individual e colectiva do homem no mundo: a tarefa do homem de dominar o mundo transcende o domínio puramente técnico (enquanto inclui a vitória sobre o poder do mal e da morte, e é obra do amor) e termina para além do horizonte temporal da história. Só em Cristo e por Cristo, o homem poderá levar plena e absolutamente a termo a tarefa de dominar o mundo na sua mais radical orientação para a plenitude de Deus.

«Redimido por Cristo e tornado nova criatura no Espírito Santo, o homem pode e deve amar as próprias coisas criadas por Deus. Na verdade, recebe-as de Deus e considera-as e respeita-as (*reveretur*) como vindas da mão de Deus. Dando graças por elas ao Benfeitor e usando e gozando das criaturas, em pobreza e liberdade de espírito, é introduzido na verdadeira posse do mundo, como nada tendo e tudo possuindo: «Tudo de facto é vosso, vós porém sois de Cristo e Cristo é de Deus» (1 Cor. 3, 22-23,.)» <sup>54</sup>

#### 4. Cristo, Alfa e Ómega da História

A *Gaudium et Spes* conclui a sua reflexão sobre a cristologia soteriológico-antropológica com um número sobre o Cristo Consumador, que tem como pressuposto e complemento o capítulo VII da *Lumen Gentium* <sup>55</sup>. Aparece como continuação da reflexão anterior sobre o Cristo glorificado, Senhor universal. O Cristo da *Parusia* é na verdade o Senhor exaltado e glorificado junto do Pai que, como Juiz escatológico, porá termo à história da humanidade e do universo, e manifestará cósmica e historicamente todo o seu senhorio salvífico-escatológico, a vitória definitiva e total sobre o poder do mal e da morte, já decidida na sua morte e res-

<sup>54</sup> GS 37,4; cf. GS 38-39; 45; LG 36,2; AA 7; E. SCHILLEBEECKX, *La mission de de l'Église*, Bruxelles 1969, p. 61; Ch. MOELLER, *Renouveau de la doctrine de l'homme*, in: *La théologie du renouveau* (dir. L. K. SHOOK et G. M. BERTRAND), Montréal-Paris 1968, pp. 241-244.

<sup>55</sup> GS 45; LG 48-51.

surreição<sup>56</sup>. Será a manifestação plena das dimensões universais daquele poder soberano e transcendente que remonta já ao seu domínio sobre a criação como Verbo criador e à sua presença na história como Verbo iluminador e Filho de Deus incarnado<sup>57</sup>. Cristo levará então à plenitude a sua obra da criação. O Concílio sublinha a conexão e continuidade da obra salvífica de Cristo desde a criação à recapitulação universal e gloriosa. Ele abre a história na criação (Alfa) e fecha-a no Juízo (Omega). A parusia de Cristo será a manifestação plena do seu mistério e do mistério da salvação do homem, da humanidade, do universo e da história, colocando-os sob o signo absoluto da ressurreição. Estenderá a participação da sua glória à humanidade dos que o acolheram, excluindo os que o rejeitaram, e dará configuração nova e gloriosa ao universo e à história, libertando-os de toda a corrupção.

Esta consumação na plenitude e transformação final em Cristo constitui o horizonte universal e final da história, já em acto no dom do Espírito, do qual recebe o sentido e a significação definitiva e profunda, que anima e potencia o presente histórico e no qual se cumpre totalmente o desígnio de Deus da renovação universal em Cristo.

«Vivificados e reunidos no Seu Espírito, caminhamos para a consumação da história que corresponde plenamente ao desígnio do Seu amor: 'recapitular todas as coisas em Cristo, tanto as do céu como as da terra' (Ef. 1, 10)»<sup>58</sup>.

<sup>56</sup> LG 8,4; 9,2; 36,1; 48,1-4; 49,1; 51,2; 68; AA 5; GS 2,2; 38-39; 45,2-3.

<sup>57</sup> GS 45,2; 57,4. O Verbo esteve na verdade sempre presente à criação e à história: é um princípio que permite atribuir um certo significado salvífico à actividade mesmo do mundo não cristão e um elemento a ter em conta para uma história *universal da salvação*. O Concílio fala ainda neste sentido das «preparações evangélicas» (LG 16; AdG 3,1) e da acção invisível do Espírito nos corações (GS 22,5; 38; 41,1) e mesmo que o Espírito de Deus com admirável providência está presente e dirige a história na sua evolução (GS 26,4). Cf. a este propósito: Y. CONGAR, *De fundamento dialogi in natura catholicitatis ad effectum deducendae*, in: *Acta Congressus Internationalis de Theologia Concilii Vaticani II (Romae 26 Septembris — 1 Octobris 1966)*, Typis Polyglottis Vaticanis 1968, p. 655; Ch. MOELLER, *L'uomo, la Chiesa e la società*, in: *La teologia dopo il Vaticano II* (dir. J. MILLER), Brescia 1967, p. 521.

<sup>58</sup> GS 45,2.

O Concílio tira também a conclusão sobre o que este mistério de Cristo recapitulador pode significar, numa perspectiva existencial, para o devir da humanidade. Ele ilumina a temporalidade humana e o seu conteúdo: Cristo Consumador assume, integra, liberta, dá sentido e leva à plenitude o futuro intra-histórico da humanidade com todos os seus valores e aspirações. Situa-se como o ponto focal — o Cristo Omega — para o qual converge toda a história e todo o progresso humano. Como frons-tispício e afirmação de fé, o Concílio afirma que «Cristo é a chave, o centro e o fim da história humana»<sup>59</sup>, isto é, princípio hermenêutico, centro de unidade e gravitação, termo de orientação e plenitude. Não só leva a termo a história humana, mas Ele mesmo é o seu *termo*, o seu *telos absoluto*.

«O Senhor é o fim da história humana, o ponto para o qual convergem os desejos da história e da civilização, o centro do género humano, a alegria de todos os corações e a plenitude das suas aspirações»<sup>60</sup>.

#### Conclusão

Este é talvez o capítulo mais original da doutrina cristológica e escatológica do Vaticano II. A partir da solidariedade salvífica e inclusiva da Encarnação constrói uma cristologia em perspectiva ascendente e põe assim o fundamento cristológico-antropológico da escatologia. O Verbo incarnado assume a existência humana com todas as suas dimensões de integridade corpóreo-espiritual, de socialidade e historicidade com todos os seus valores e com as configurações da negatividade da dor, divisão, luta, de existência não redimida. Na sua existência terrestre vivida na fidelidade e comunhão ao Pai e na sua humanidade glorificada, Ele é o novo Adão que redime a existência humana do absurdo e lhe dá um sentido novo. Ele é o homem perfeito, Centro unificante da humanidade e Recapitulador da sua história. N'Ele atinge a perfeição plena o homem criado à imagem de Deus: instaura

<sup>59</sup> GS 10,2.

<sup>60</sup> GS 45,2; cf. LG 3; 13,2; 17; AdG 8; J. MOURoux, *Situation et signification du chapitre I: sur la dignité de la personne humaine*, in: *L'Église dans le monde de ce temps II*, p. 231.

a comunhão íntima do homem com Deus Pai, a nova comunidade de fraternidade e liberdade, o dinamismo do amor em ordem à humanização do mundo. Tudo isto fica destinado a uma plenitude de realização na transformação final.

Cristo revela assim o homem a si mesmo: o que é o homem segundo o projecto de Deus (*ens christologicum*), a sua condição terrestre, a estrutura e o dinamismo pascal da existência humana e da história, o sentido e a grandeza do seu futuro. Ele mesmo é a meta da realização do mundo para a qual tende a história da humanidade, com todas as suas aspirações e esperanças.

O sentido escatológico do acontecimento de Cristo, considerado em linha ascendente, revela-se na passagem da existência mortal à existência glorificada pela ressurreição bem como no seu título de primogénito entre os mortos que em si leva e determina o destino escatológico da humanidade e da criação. O acontecimento de Cristo não é privatizado. Dá sentido último à integridade da existência humana, à vida social, à obra do homem na transformação do mundo e ao progresso da história.

A criação nova introduzida por Cristo toma forma visível e comunitária na história, ainda que a título incoativo, na Igreja, comunidade de salvação.

**ANTÓNIO DOS SANTOS MARTO**

Professor de Teologia do I. C. H. T.

## CRÓNICA

### O INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E TEOLÓGICAS

#### Um pouco da sua história e funcionamento

O Instituto de Ciências Humanas e Teológicas (I. C. H. T.), foi fundado por decisão, datada de 7 de Junho de 1974, dos Bispos de Aveiro, Bragança, Portalegre e Castelo Branco, Porto e Villa Real, em união com alguns Institutos Religiosos que quiseram associar-se.

Em 2 de Julho era empossada uma Comissão Instaladora, formada por representantes das instituições interessadas, e que foi incumbida de elaborar um projecto de Estatuto, Regulamento e Programa Escolar, e de proceder aos demais estudos de organização e instalação do I. C. H. T.

Em sessão da Comissão Permanente do I. C. H. T., havida em 16 de Setembro, foi aprovado com carácter experimental e provisório o Estatuto Geral.

A cerimónia oficial de inauguração realizou-se no dia 7 de Outubro, com uma celebração na Igreja do Seminário da Sé, entretanto escolhido e gentilmente cedido pela Diocese do Porto para sede do I. C. H. T. A homilia, o Senhor Bispo do Porto, eleito Presidente da Comissão Permanente, referiu-se a esta inauguração como «acontecimento... que esperamos tenha a mais larga projecção na história da Igreja entre nós».

Ao longo dos quatro primeiros anos, procurou-se consolidar a orgânica do I. C. H. T., reelaborando os programas e estabelecendo aproximações com as instituições congéneres e procedendo à reforma do Regulamento e do Estatuto Geral, que foi aprovada pela Comissão Permanente, em 1 de Junho de 1978.

Entretanto, e continuando a defender e a desenvolver o nível do seu ensino, reflexão e investigação, o I. C. H. T. tentou sair, em 1979, ao encontro das comunidades onde a fé se vive, se exprime e comunica, promovendo cursos de reciclagem para o clero e outros agentes da Pastoral e o lançamento desta Revista.

#### Objectivos

O I. C. H. T. «é uma instituição de investigação e ensino de ciências humanas e filosófico-teológicas, a nível superior, que se propõe a renovação permanente do ministério sacerdotal, no que respeita à formação cultural e teológica, bem como o desenvolvimento da cultura religiosa e humanista de clérigos e leigos» (art. 1.º do E. G.).